A "VULGARIZAÇÃO" DO CONHECIMENTO

Cid Seixas

Os princípios e as escolhas no trabalho acadêmico

Desde o início do meu trabalho acadêmico dividi o tempo entre a pesquisa universitária e outra atividade que os estudiosos das ciências da cultura chamavam, de forma despreziva e um tanto arrogante, de "vulgarização do conhecimento". O oscilar do pêndulo entre os dois polos tem a ver com o fato da minha vinda para a universidade ter se dado pelas páginas do jornal.

Dediquei-me ao ensino de Literatura e de Semiótica porque, como jornalista, já escolhera a arte da palavra como objeto de trabalho, comentando livros, discutindo obras e publicando textos de criação ou de informação.

Por outro lado, sempre achei sem sentido a produção acadêmica no campo das linguagens e das humanidades ser destinada basicamente a formulários e relatórios, escritos em dialeto burocrático para justificar os

parcos financiamentos das agências públicas. Não tive o privilégio de participar dessa prestigiosa atividade que constitui a maior parte das pesquisas na nossa área de conhecimento. Assim, não sou o que se chama de Pesquisador Universitário; sou apenas um curioso em questões julgadas essenciais.

A propósito, lembre-se que a investigação científica, em algumas áreas, contribui decisivamente para melhorar a vida do ser humano, enquanto em outras o estudo sistemático serve para ampliar a compreensão e o saber crítico das pessoas. Nas disciplinas em que não há uma utilidade prática imediata, se os resultados ficarem limitados aos arquivos da academia, irão proporcionar benefícios praticamente nulos à sociedade. É o que ocorre com muito "papel pintado com tinta" que há

por aí. A expressão irreverente e irônica é de um incerto Fernando Pessoa.

Como são os impostos do cidadão que pagam os nossos salários na universidade pública, preferi, desde há muito tempo, prestar contas de algumas especulações teóricas, através de breves artigos de jornal que discutem os temas estudados na academia. Por conta disso, a lista de tais intervenções públicas é bem maior do que a de livros, ensaios e estudos em revistas especializadas, chegando, a centenas de títulos, que, digase, não têm nenhuma importância nas avaliações de produtividade acadêmica. Servem, apenas, para levar um dos resultados das reflexões e trabalhos cotidianos ao nosso legítimo patrão e empregador do serviço público – o cidadão anônimo que paga com seu trabalho tanto a edu-

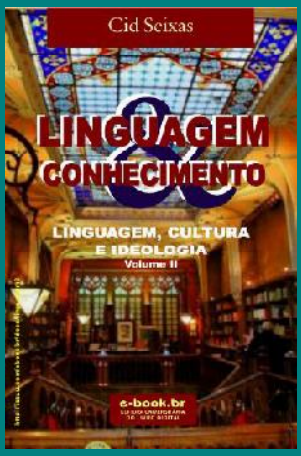
cação e a saúde, quanto o esbanjamento parasitário da corte republicana.

Os possíveis interessados nessa produção poderão constatar facilmente a origem dos textos e seus objetivos na própria natureza da escrita: de estilo simples e comprometido com a leveza na transmissão do conhecimento. Espero ainda que possa servir de estímulo àqueles que procuram construir um alicerce para

a compreensão do artesanato literário.

Muitos textos nasceram como exposições em sala de aula, sendo depois escritos para publicações destinadas ao público leitor.

Antes de ensinar literatura, busquei os estudos da linguagem, como meio de compreender a construção psíquica do mundo real. Veja-se, a propósito, no site *linguagens.ufba.br* o número expressivo de e-books tratando de questões linguísticas e da teoria do conhecimento. Por tais ca-



minhos chega-se à concepção da verdade como coerência das proposições verbais.

No mais, a arte é vista aqui, não apenas como circunspecta *forma de conhecimento*, mas como *objeto de deleite e prazer*. Os puristas e os posudos, ideólogos do utilitarismo, que me perdoem. Se puderem.

Conforme o grito do grande Goethe, seja breve: *no dia do juízo, isso não vale um peido*.

<www.linguagens.ufba.br>

SEIXAS, Cid. "O Trabalho Acadêmico: Princípios e Escolhas". Apresentação do livro *Da invenção à literatura. Textos de filosofia da linguagem.* Salvador, Rio do Engenho; Copenhagen, Issuu, 2017. Endereço <https://issuu.com/e-book.br/docs/invencao>